

A NOVIDADE

Folha critica, litteraria e recreativa

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ADMINISTRADOR—B. C. DE FARIA

N. 5

Abril de 1883

ANNO I

21 de Abril

Uma das mais vergonhosas datas para a historia do Brazil, é sem duvida alguma, a do dia em que expirava, baixo a corda do algoz, o martyr da liberdade, José da Silva Xavier, vulgarmente conhecido pelo nome de Tiradentes.

O poema da liberdade, esse poema biblico que Jesus tornou santo no Calvario tem-se desenvolvido em todos os paizes e em todas as epochas.

Alli, onde a tyrannia julgava basear os seus barbaros direitos com os cimentos mais solidos, alli a liberdade surgiu, e quando não vencera, deixara despedaçados esses cimentos para contemplar depois o desmoronamento do edificio do despotismo.

Assim aconteceu ao Brazil...

No meio do despotismo em que elle vivia, dominado barbaramente pelo Visconde de Barbacena, de infausta lembrança, houve um brasileiro illustre, houve um coração patriota que, cheio de amor á santa causa da liberdade soube se revoltar ás ordens barbaras da tyrannia e ostentar gloriosamente o sacro estandarte sobre o que tinha gravado o precioso lema: *Libertas quæ sera tamen*.

No entanto, este coração avido de liberdade, esse vulto patriota que, immolava-se pela santa causa que propagava e defendia com arrojo, quando no auge do enthusiasmo, julgava vencer á tyrannia, viu suas doutrinas despresadas e viu a inconflencia condemnal-o á ultima pena, á pena de morte!...

No entanto, não recuou; deixou-se arrastar, vencido pela força bruta, aos cárceres dos despostos e ser no e altivo, entregou sua cabeça á corda do algoz sem abandonar a sua idéa.

E aquelle povo por quem elle sacrificara sua vida, permanecia, avido da mais feroz curiosidade, immovel e mudo, á tragica scena de sua condemnação...

Perante o assassinato nem um protesto fez-se ouvir!...

Mas a historia registra este facto nas suas paginas, e se Tiradentes morreu no meio do desprezo daquelle mesmo

povo porque se sacrificava, a sua memoria vive e viverá eternamente no nobre coração das gerações do presente e do futuro, que sabem avaliar a grandeza de sentimentos do martyr da liberdade brasileira.

Respeitosos, curvamo-nos ante a veneranda memoria do heroe da epopeia da independencia e da liberdade do nosso paiz.

CONVITE

Recebemos um delicadamente offerecido pela directoria do Club Vasques para a terceira recita realizada a 19 do corrente no theatro S. Luiz.

Deu começo a festa a *A dultera* drama em tres actos do socio Cardozo da Motta, o qual foi brilhantemente representado por todos os amadores; e a comedia em um acto *Os genros de minha sogra* que nos fez passar por um grande susto tal era a disposição da dita em arranjar genros; como porém estavamos em theatro...

A directoria do Club deve estar lisongeada p lo elevado numero de convidados que assistiu a sua festa; o bello sexo principalmente fez-se tão brilhantemente representar que parecia esarmos em um salão de baile.

Nas entradas duas elegantes mocinhas esmolavam em favor dos escravos; se todas as sociedades procedessem assim em breve veriamos terminada esta mancha que nos retarda o passo no caminho do progresso.

Ao Club Vasques agradecemos a deliciosa noite que nos proporcionou.

—«:»—

A CORTE

Faz 2 annos de idade no dia 27 do corrente a pequenina Glorieta, interessante filhinha do Sr. Dr. D. Francisco de Assis Mascarenhas.

Mil felicidades á nêê.

Faz annos no dia 3 de Maio a Exma. Sra. D. Maria Elvira Cardozo dos Santos.

A *Novidade* comprimenta a S. Ex. e deseja-lhe mil felicidades.

O ONZE LETTRAS

Chama-se onze lettras o intermediario entre dous namorados.

Este alto personagem é representado: pelo mais íntimo dos nossos amigos, pelo moleque de balas, pelo moleque ou negrinha da casa da pequena, pelo irmão mais moço da mesma, pelos carteiros, pelos jornaes, e finalmente pelo proprio pai da pequena.

Do onze lettras depende muitas vezes o futuro das familias.

Apreciemos primeiro as diversas classes do personagem, para depois vermos como elle influe no futuro das familias.

Para que um amigo nos preste o inqualificavel serviço de onze lettras, é preciso que elle tambem tenha interesse na historia; alguns ha que apenas contentam-se em nos filar cigarros, refrescos, etc.; outros porém, só por muita amizade, ou por serem namorados de uma das irmãs da pequena é que prestam-se a nos auxiliar; em todo caso esta é a melhor classe dos onze lettras, porque chegam até a nos dar entrada na casa e nos apresentar á familia.

O moleque de balas é um grande auxiliar para dous entes que se amam: por exemplo: namora-se uma joven em uma confeitaria, armarinho, ponto de bonds, ou mesmo dentro do bond; acompanha-se ella até a porta de casa; ella sobe e chega á janella, prova evidente de que se é correspondido; no dia seguinte vai-se *rondar o districto*; offerece-se a cartinha de ante-mão preparada, ella acceita porém não tendo portador, só um baleiro nos póde valer; para isso porém é preciso muito geito, porque alguns ha que longe de nos prestar este relevante serviço nos mimoseiam com uma reverendissima vaia.

Com o moleque ou negrinha da casa, e mesmo com o irmão mais moço o *negocio* se torna muitissimo mais fácil, porque da pequena depende o bom ou mau exito; é preciso passar-lhes a mão pela cabeça e apadrinhar-os mesmo quando fazem alguma travessura; se assim procede fica tudo arranjado; elles encarregam-se de receber as cartas, flores e presentes; ficam na janella para ver quando elle passa e prevenir a sinhá moça ou a irman, tendo o cuidado de, quando a velha está presente, dizer que é para ver uma moça com um vestido muito bonito; se a velha tambem vem a janella elles disfarçam dizendo que chamou para enganar; se porém ella um dia esquece de os proteger vai tudo por agua abaixo porque principiam a contar a historia com reticencias, são chamados á ordem e obrigados a pôr tudo em trocos miudos.

Os carteiros em geral são onze lettras inconscientes, por isso descobre-se muito namoro porque elles entregam a carta á primeira pessoa da casa que apparece, e nem sempre *cahe a sopa no mel*.

Os jornaes nos prestam este serviço de duas maneiras diversas: a primeira publicando cartinhas enigmaticas e a segunda vou provar com um caso pelo qual se vê como o pai da menina nos presta tambem este importante serviço.

Um pharmaceutico meu amigo namorava uma visinha; lutava porém com grande difficuldade para entregar a indispensavel cartinha porque na casa não havia nenhum dos representantes da classe e elle era muito timido para pôr mesmo a um baleiro a entrega da missiva; o pae da *sua ella* tinha por habito, depois de jantar, vir dar sua palestra na pharmacia, e um dia contou elle ao meu amigo que gostava de ler o Jornal á noite, e sua filha tambem estava acompanhando o romance; para isso mandava buscar o Jornal do taverneiro; porém, quasi sempre o demonio do Jornal estava emprestado; o meu amigo offereceu-lhe o seu Jornal e pediu-lhe que d'aquelle dia em diante não o mandasse buscar ao taverneiro, que quando elle se retirasse todos os dias, podia levar o delle e bastava devovel-o no dia seguinte quando passasse para a repartição; o velho acceitou agradecido e já neste dia foi com o jornal do meu amigo; no dia seguinte quando o meu amigo recebeu o Jornal, desdobrou-o por acaso e de dentro cahiu um papelsinho com as seguintes palavras: escreva-me e mande a carta dentro do jornal; elle assim o fez e só entregou o Jornal ao velho quando este se despediu; logo que o velho subiu as escadas já a filha o esperava pedindo o jornal *para ver se trazia o romance*; a resposta veio pelo mesmo portador e assim corresponderam-se por espaço de seis mezes findo os quaes foi ella pedida em casamento o qual se realizou poucos mezes depois.

O futuro de muitas familias depende do onze lettras porque acontece sempre elles elogiarem muito o pretendente principalmente se elle nada vale, e ellas julgando ser verdade tudo quanto elles dizem sujeitam-se ás mais infames propostas se acaso o pretendente se anima a pedil-as ao pae, e este o julga indigno de fazer parte de sua familia.

Amavel leitora é possível que nestas toscas linhas encontreis alguma cousa que já se tenha passado com V. Ex., se assim for não fiqueis querendo mal ao autor que outro desejo não teve a não ser prender por alguns momentos a attenção de V. Ex.

BELLARMINO FRANKLIN BAPTISTA.

A ROSA

É o titulo de um jornalsinho mensal, côr de... *idem*. Bem escripto, e collaborado por alguns rapazes do commercio. Temos em nossas mãos o n. 1 (anno I) e desejamos que a *rosa* venha sempre ao nosso escriptorio deixar uma petala (ao menos) o que muito agradeceremos.

A' MANHÃ

(APRECIACÕES)

Leitora !... como será para vós agradável quando as 5 horas da manhã a mamãe vai acordar-vos para ir ao Boqueirão com vossa toalhinha de crivo por baixo dos cabellos louros, a malinha com os pretrechos de banho; quando entraís para o quartinho gradeado afim de largar a toilette de terra e vestir a do mar, ahí leitora será realmente agradável mostrar a verdadeira belleza.

Quanto rapazola *patusco* não frequenta os banhos (sem tomal-os), só para fazer ali a sua escolha; e verdade seja dita a moça *bonitinha, pintadinha, bem feitinha*, tudo de bom que tenha em si, vai ao mar mostrar e este tira-lhe todas as pinturas. Alli vê-se se a *pequena* é bonita ou não, bem entendido, depois do primeiro mergulho alli não ha hesitações quem for bonita é porque é mesmo!

A' porta da escadinha que dá ao mar surge uma menina *chic*, esta é vista e revista pelos olhos dos rapazes que aguardam a sua chegada.

Aquella ondasinha que brinca com as pedrinhas e conchas que estão a beiramar também brinca com um pésinho 32 como o vosso, amavel leitora.

Depois que V. Ex. está dentro d'agua é que seu (della) namorado, póde avaliar o quanto V. Ex. é feia ou bonita alli sim, é a realidade... bem entendido depois do primeiro mergulho.

Dentro d'agua também ha seus colloquios à respeito de modas, namorós, etc. e tal...

Até neste logar tão essencialmente frio VV. EEx. aproveitam a occasião para reparar na roupa da Ninita que está descosida por baixo do braço; ao que replica a D. Nene com aquella sua (della) graça natural: Deixem Ninita andar como quizer faz muito bem; não sabes olhar para teus pés pois você, não tem 3\$000 para comprar um par de sapatos de banho não deve reparar nos outros.

A outra menina travessa, porém mais fingida qua as outras, olha ternamente para o lado em que está o Lulú celeberrimo namorado de *quebra-calçadas*.

Daquelle outro lado um *dandy*, querendo por este modo, fazer-se conhecido das moças dá um mergulho e sahindo á distancia vai nadando as braçadas.

Um successo: ao longe... lá longe vê-se uma menina *chic*, encantadora, bella, tudo emfim, nadando a bom nadar; aquella com certeza não gosta de estar com as outras, quer mostrar sua valentia no mar!

Pudesse um genro convidar sua estimada sogra para dar um mergulho e deixal-a lá por baixo !...

Uma das felicidades maiores !...

Quando a leitora sahe do banho, já tem discutido tudo, ligeira encaminha-se para a casa onde vai apreciar o

delicioso café do Papagaio e... não faz mais nada.

Algumas leitoras que não tem patuscada de Boqueirão, accordam as 8 horas, almoçam, e vão para a janella namorar; outras acordam as 10, preparam-se pintam-se as que se pintam (e vão para o piano estudar a *polka*) novidade da epocha *Seu Tinoco me bateu* depois disto almoçam, e vão ler na *Folha Nova* os disturbios *edis*, e assim passa a leitora uma manhã como muita gente não passa um dia !... e a vista disto até *amanhã*.

AIRAF.

O CASAMENTO

(continuação)

XXI

O casamento abre-nos as portas da felicidade e cava-nos o abysmo da desgraça.

Onip.

XXII

A sogra è o espectro do casamento.

Franklin.

XXIII

O casamento è uma cadeia de ferro que une o homem ao inferno.

J. Porto.

XXIV

O casamento è uma rede onde cahem os tolos.

Bernardo Junior.

XXV

O casamento influe muito no engrandecimento dos povos.

Mirabeau.

— «:» —

TENTAMEN

E' uma publicação quinzenal, util e bem escripta, orgão do *Gremio Taut-phæus*, sociedade litteraria, sustentada por moços que se entretêm cultivando as lettras; recebemos os ns. 1 e 2 (anno 2°): ambos bem escriptos. Ao collega desejamos ver continuamente no nosso escriptorio.

— «:» —

No proximo numero publicaremos a continuação do folhetim *Um dia no campo* de nosso collaborador, o Sr. Paes Leme,

Por falta de espaço deixamos de fazel-o neste numero.

— «:» —

Recebemos um amavel convite para assistirmos á *soirée* inaugural do Club Discipulas de Terpsichore.

Lá estaremos e muito obrigado pelo convite.

Poemas

AS PET'LAS DA ROSA
A' ZILDA

A rosa fragante que tu m'offertas-te
Aqui no piano, com tanta maldade
Constante eu a trago, constante eu a beijo
Embora ella seja—a viva saudade

A rosa amarella que tu m'offertas-te.
Com a mão toda tremula, e meia chorosa
Semente me falla,— me falla de amores,
Embora murchassem as pet'las da rosa.

A rosa singela que tu despregas-te
Do seio que arfava,—que arfava de amor
Escalda-me o peito—escalda-me a mente
Embora constante eu beije essa flor.

Nas pet'las da rosa que tu m'offertas-te,
Quizera escrever-te com penna formosa,
Poemas bem santos, bem castos, bem
puros
Embora já murchas—as pet'las da rosa.

Abril de 83.

JOÃO PAES LEME DA COSTA.

UM BEIJO

Na flôr dos teus labios rosados,
Nacarados

Eu quero um beijo depôr,
Mas um beijo bem sentido
Extremecido
Em longo espasmo de amor.

Eu dera-te a vida minha,
Tão mesquinha,
Tão cheia de dissabores,
Se aos meus, teus labios rosados
Nacarados
Se unissem quaes rubras flores.

Um beijo só—um só beijo
Louco almejo
De insensato bem querer,
Um beijo que é mais que a vida
Mal—vivida,
Que faz viver e morrer.

Abre, pois, n'um doce riso
N'um sorriso
Teus labios côr de romã,
Teus labios que tem as cores,
Os rubres
Com que se cõra amanhã

E deixa que na corolla
Que s'isola
Qual flôr em risos nascida,
Deponha um beijo fremente,
Um sòmente
Um beijo só toda a vida.

Depois a teus pés escravo
Não ignavo
Mais orgulhoso que um rei,
Nas doces córdas da lyra
Que suspira,
Nesso amor celebrarei.

Abro, pois, n'um doce riso
N'um sorriso
Teus labios que eu vou colher
Um beijo só, um sòmente
Mas ardente
Que faz viver e morrer

Rio, 29 de Março de 1883.

J. A. GOMES.

AS FESTAS

POR B. C. DE FARIA

Depois de competentemente preparado
tudo, e depois de ter chegado o serviço
do Castellões, apresenta-se na sala a D.
Leocadia com uns ares sinistros.... a
chegada da D. Leocadia na sala de
visitas quer dizer que já são horas de
jantar.

São estas as palavras dirigidas aos
visitantes quando entra a D. Leoca-
dia:—Vamos jantar, aqui não ha cere-
monias, são todos de casa—ao que levan-
tam-se todos e dirigem-se a sala de jan-
tar.

As moças são as primeiras que se le-
vantam.

O velho dono da casa vem conversando
com os amigos a respeito da politica, cá
da terra, juntamente mulher e filhos.

Estamos na sala de jantar.

Passamos os olhos por cima da mesa,
e elles invejam-se de ver a profusão das
iguarias, vinhos e doces.

—D. Anninha, aqui tem gallinha.

—Minha senhora, não quer costelle-
tas?

—D. Xandoca, camarões tem aqui.

—Que prato é este que está na sua
frente?

—Quimbombô com camarões.

—Arroz de forno aqui.

—A senhora faz o obsequio de passar o
molho?

—Perú e leitão.

São os pratos mais atrapalhados, nem
todos o sabem servir.

E' a ultima parte do jantar—antes da
sobre-mesa.

Segue-se a baba de moça e o doce de
coco que é o mais apregoado durante a
sobre-mesa—finalizado o jantar segue-se
a *soirée* onde as moças, como sempre, di-
vertem-se.

As festas de igreja tem duas vanta-
gens: as moças e a musica.

Quando por exemplo qualquer igreja
annuncia *Te-Deum* com orchestra do
Sant'Anna, regida pelo maestro Mesquita,
é festa boa, (muitos vão apreciar-a pela
musica.)

O beneficio do Vasques é uma festa.

As corridas, festa da aristocracia alli
vêm-se os carros abertos, cavallos, etc.,
etc.

(Continua.)